

# A Gênese da Voz Negra na Imprensa Brasileira do Século XIX: Potência Política, Resistência e Visibilidade

## The Genesis of the Black Voice in the 19th-Century Brazilian Press: Political Power, Resistance, and Visibility

UZIEL SANT'ANA  
Centro Universitário UNIFATECIE

**Resumo:** Este artigo explora a imprensa negra oitocentista como uma fundamental forma de expressão e resistência da população afro-brasileira, contrariando a historiografia tradicional que, por décadas, ignorou a agência e as vozes negras. A pesquisa, embasada nas contribuições de Ana Flávia Magalhães Pinto, desmistifica a ideia de que a mobilização negra organizada é um fenômeno exclusivamente pós-abolição. Ao analisar jornais como *O Homem de Cor* (1833), *O Cabrito* (1833), *A Pátria* (1889) e *O Progresso* (1899), o autor demonstra que essa imprensa foi um instrumento sofisticado de luta política. Nesses periódicos, os redatores, com um elevado nível de conscientização e capacidade intelectual, denunciavam as contradições da sociedade escravocrata, criticavam a falsa abolição, combatiam teorias raciais e reivindicavam a cidadania plena. Além de sua função de denúncia, a imprensa negra do século XIX agiu como um espaço de aglutinação de ideias e de construção de uma identidade negra positiva. Os jornais valorizavam a herança africana, exaltavam figuras históricas como Luiz Gama e Henrique Dias e promoviam a educação como ferramenta de ascensão social. As estratégias de comunicação, que incluíam o uso de sarcasmo, ironia e pseudônimos, mostram a complexidade e a astúcia política dos redatores para contornar a repressão. A pesquisa conclui que, apesar de todas as adversidades, a intelectualidade negra produziu um legado cultural e político fundamental que ecoa até os dias de hoje, provando que a luta por justiça e igualdade no Brasil possui raízes profundas e multifacetadas, gestadas ainda durante o período da escravidão.

**Palavras-chave:** Imprensa Negra. Século XIX. Intelectualidade Negra. Resistência Negra. Cidadania.

**Abstract:** This article explores the 19th-century Black press as a fundamental form of expression and resistance for the Afro-Brazilian population, in contrast to traditional historiography that, for decades, ignored Black agency and voices. The research, based on the contributions of Ana Flávia Magalhães Pinto, debunks the idea that organized Black mobilization is an exclusively post-abolition phenomenon. By analyzing newspapers such as *O Homem de Cor* (1833), *O Cabrito* (1833), *A Pátria* (1889), and *O Progresso* (1899), the author demonstrates that this press was a sophisticated instrument of political struggle. In these periodicals, the editors, with a high level of awareness and intellectual capacity, denounced the contradictions of the slave society, criticized the false abolition, fought against racial theories, and demanded full citizenship. In addition to its role in denunciation, the 19th-century Black press acted as a space for the agglutination of ideas and the construction of a positive Black identity. The newspapers valued African heritage, celebrated historical figures like Luiz Gama and Henrique Dias, and promoted education as a tool for social mobility. The communication strategies, which included the use of sarcasm, irony, and pseudonyms, show the complexity and political astuteness of the editors in circumventing repression. The research concludes that, despite all the adversities, Black intellectualism produced a fundamental cultural and political legacy that resonates to this day, proving that the struggle for justice and equality in Brazil has deep and multifaceted roots, gestated even during the period of slavery.

**Keywords:** Black Press; 19th Century; Black Intellectualism; Black Resistance; Citizenship.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XIX no Brasil foi um período de profundas contradições sociais e políticas. Enquanto o Império se consolidava, a maior parte da população de origem africana vivia sob o jugo da escravidão. Nesse cenário, a luta pela abolição e por direitos civis ganhou força, encontrando na imprensa um campo fértil para o debate e a mobilização. Tradicionalmente, a historiografia focou na imprensa abolicionista produzida por brancos, relegando a um segundo plano os periódicos criados pelos próprios negros. Este artigo, no entanto, propõe uma análise aprofundada da "imprensa negra" oitocentista, argumentando que ela foi um instrumento fundamental na construção de uma consciência política e na articulação das demandas da população negra.

A pesquisa se justifica pela necessidade de resgatar o protagonismo negro na história da imprensa brasileira e na luta por seus próprios direitos. Ao contrário da visão de Bastide (1973), que a classificou como uma "imprensa adicional", defendemos que esses jornais foram centrais na formação de uma esfera pública negra, onde questões como racismo, identidade e cidadania eram debatidas a partir de uma perspectiva própria.

Para conferir clareza à investigação, define-se como objetivo geral deste estudo analisar a imprensa negra oitocentista como um instrumento de resistência política e construção de cidadania. Deste objetivo maior desdobram-se os seguintes objetivos específicos: (1) examinar o conteúdo e as estratégias discursivas de periódicos como *O Homem de Cor*, *O Mulato*, *Brasileiro Pardo*, *A Pátria* e *O Progresso*; (2) investigar como esses veículos articularam demandas por direitos civis e combateram o racismo científico da época; e (3) desmistificar a imagem do negro oitocentista como sujeito passivo, demonstrando sua ativa participação e agência na esfera pública letrada.

A produção intelectual, materializada nas páginas desses jornais, revela uma complexa estratégia de engajamento no debate público, utilizando a linguagem jurídica e política da época para subverter a lógica excludente do sistema. A apropriação do prelo, uma ferramenta de poder da elite letrada, por homens negros livres, libertos e até mesmo por aqueles que ainda vivenciavam as amarras da escravidão, representa um ato de insubordinação simbólica e política de imenso significado, que precisa ser devidamente dimensionado.

A emergência desses periódicos não foi um fenômeno isolado, mas parte de um movimento mais amplo de associativismo e organização da comunidade negra livre e liberta

nas cidades brasileiras. Conforme aponta Almeida (2025), a formação de irmandades religiosas, clubes sociais e sociedades beneficentes criou redes de solidariedade e espaços de autonomia que foram fundamentais para a sobrevivência e a luta por direitos. A imprensa negra surge, portanto, como o braço intelectual e político desse movimento, dando voz às suas aspirações e conectando diferentes grupos em torno de pautas comuns, forjando uma identidade coletiva para além das fronteiras locais.

É imperativo também diferenciar a imprensa negra da imprensa abolicionista hegemônica. Enquanto a segunda, muitas vezes editada por brancos bem-intencionados, focava majoritariamente na denúncia da crueldade da escravidão, a primeira ia além, abordando as nuances da experiência negra no Brasil, incluindo o preconceito sofrido pelos libertos, a luta por educação e a reivindicação por participação política. Essa distinção é fundamental, pois revela que o projeto de emancipação da população negra era muito mais amplo do que a simples extinção do cativo, visando uma cidadania plena e efetiva que a República relutaria em conceder, segundo Almeida (2025).

Os desafios enfrentados por esses pioneiros da imprensa negra eram imensos, indo da escassez de recursos financeiros à baixa taxa de alfabetização entre seu público-alvo, passando pela constante ameaça de censura e repressão policial. Manter um jornal em circulação nessas condições era um ato de bravura e persistência. A análise desses obstáculos nos permite valorizar ainda mais a resiliência e a engenhosidade desses intelectuais, que muitas vezes dependiam de subscrições, doações e do próprio trabalho voluntário para manter viva a chama da resistência impressa, garantindo que suas vozes não fossem silenciadas.

Outro aspecto central a ser explorado é a maneira como esses jornais construíram um discurso contra-hegemônico em pleno século XIX, conforme Pinto (2010). Em um contexto intelectual dominado por teorias raciais que pregavam a inferioridade dos africanos e seus descendentes, periódicos como *O Progresso* ousaram contestar a ciência racista, exaltar a capacidade intelectual dos negros e defender a educação como um projeto coletivo de redenção. Essa batalha no campo das ideias foi tão importante quanto as lutas travadas nos campos jurídico e político, pois visava dismantlar as justificativas ideológicas que sustentavam a opressão racial.

Finalmente, este artigo se alinha a uma corrente historiográfica recente que busca reavaliar o período pós-abolição, não como um momento de frustração passiva, mas como um campo de intensa disputa pela definição dos contornos da cidadania. Autores como

Albuquerque (2019) e Silva (2023) demonstram como os libertos e seus descendentes se engajaram ativamente na luta por direitos, utilizando as ferramentas disponíveis, incluindo a imprensa. Ao analisar a gênese dessa imprensa, pretendemos contribuir para essa revisão histórica, mostrando que a luta por uma democracia racial no Brasil tem raízes profundas, fincadas na coragem e na visão dos intelectuais negros do século XIX.

A análise aprofundada desses primeiros veículos de comunicação, conforme detalhado na pesquisa de Almeida (2025), que é a principal fonte da qual bebe este artigo, revela uma continuidade notável entre as pautas do século XIX e as que emergiriam com mais força no século XX. A demanda por educação, a crítica à discriminação no mercado de trabalho e a busca por representatividade política não foram invenções da Frente Negra Brasileira, por exemplo, mas sim a maturação de um debate que já estava sendo semeado décadas antes por esses jornais pioneiros. Compreender essa gênese é, portanto, essencial para traçar a longa e complexa genealogia do pensamento e da militância negra no Brasil.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise da imprensa negra no século XIX requer um diálogo com a historiografia sobre escravidão, abolição e formação da cidadania no Brasil. Autores como Silva (2023) e Domingues (2019) são fundamentais para compreender o contexto de luta e resistência da população negra. A pesquisa de Pinto (2010; 2014) é particularmente relevante, pois oferece um panorama detalhado dos primeiros jornais negros, corrigindo a lacuna deixada por estudos clássicos como o de Sodré (1999), que ignorou essa produção. Incorporamos também as contribuições de Albuquerque (2019), cujo trabalho sobre o "jogo da dissimulação" ajuda a decifrar as estratégias discursivas dos libertos na luta por cidadania, e de Almeida (2025), que traça um perfil detalhado de uma intelectualidade negra através das páginas da imprensa, oferecendo um quadro mais nítido dos agentes por trás dessas publicações.

A metodologia utilizada é a análise documental qualitativa, tendo como fontes primárias os exemplares dos jornais negros do século XIX disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A análise busca identificar os principais temas abordados, as estratégias argumentativas e o público-alvo desses periódicos. Este método permite uma imersão profunda nos discursos, símbolos e narrativas que compunham o universo simbólico desses veículos, revelando suas visões de mundo e projetos de futuro.

O conceito de "esfera pública negra" é uma ferramenta analítica útil para compreender o fenômeno. Tal conceito nos permite enxergar esses jornais não como meros veículos de informação, mas como espaços de deliberação, formação de opinião e articulação política de um grupo subalternizado. Eles criaram um circuito de comunicação próprio, constituindo um contraponto à esfera pública dominante, que sistematicamente os silenciava ou os representava de forma estereotipada.

A base teórica deste estudo também se apoia na crítica ao "mito da democracia racial", cuja desconstrução é fundamental para entender a persistência da luta negra após a abolição. Embora a formulação clássica desse mito seja posterior, suas raízes se encontram na ideologia do branqueamento e na negação do racismo que já permeavam o discurso das elites no final do século XIX. A imprensa negra oitocentista, ao denunciar o preconceito, já atuava como uma força crítica a essa narrativa conciliadora.

A obra de Chalhoub (2011) sobre as últimas décadas da escravidão oferece um panorama das tensões sociais e das brechas legais que escravizados e libertos exploravam para conquistar a liberdade. A imprensa negra se insere nesse contexto como uma das frentes dessa batalha, traduzindo para a linguagem jornalística as estratégias de luta que ocorriam nos tribunais e nas ruas.

A discussão sobre letramento e cultura escrita em sociedades escravocratas é outro pilar teórico importante. A habilidade de ler e escrever era uma ferramenta de poder, e sua apropriação por negros representava um desafio direto à ordem senhorial. Compreender a circulação desses jornais e suas práticas de leitura, muitas vezes coletivas, é fundamental para dimensionar seu impacto na comunidade.

O estudo da retórica e das estratégias argumentativas é central para a nossa análise. A linguagem empregada era frequentemente ambígua e estratégica, um verdadeiro "jogo da dissimulação" (ALBUQUERQUE, 2019). Os redatores se apropriavam do discurso liberal e dos códigos jurídicos do Império para fundamentar suas reivindicações, utilizando a própria ideologia dominante para expor suas contradições.

A dimensão transnacional da luta negra já lançava suas sementes no período. A imprensa negra brasileira noticiava a situação dos negros em outros países, como nos Estados Unidos e no Haiti, estabelecendo um senso de diáspora e de luta compartilhada. Essa conexão mostra que os intelectuais negros não estavam isolados, mas atentos aos movimentos de emancipação no Atlântico, como nos mostra Almeida (2025).

A questão da identidade racial é um tema transversal. Termos como "homem de cor", "pardo", "mulato" e "preto" eram utilizados de formas distintas e revelam os complexos processos de identificação racial da época. A imprensa negra foi um espaço privilegiado para o debate sobre esses termos e para a construção de uma identidade coletiva que pudesse unificar a comunidade.

A pesquisa de Almeida (2025) se aprofunda na compreensão sobre quem eram os homens por trás desses jornais. Eram, em sua maioria, artesãos, funcionários públicos e profissionais liberais que viviam nas cidades. Essa origem social permitia que atuassem como mediadores e porta-vozes de sua comunidade, traduzindo demandas populares para o debate público.

O debate sobre o legado da escravidão e reparação encontra ecos nessas páginas. Ao reivindicarem educação e proteção do Estado, os redatores já apontavam para a necessidade de políticas públicas que fossem além da simples abolição. O engajamento cívico e a politização do cotidiano também emergem da análise: a imprensa noticiava eventos sociais e festas religiosas, fortalecendo os laços comunitários e o sentimento de pertencimento.

Finalmente, a teoria pós-colonial nos ajuda a enquadrar a imprensa negra como uma forma de produção de conhecimento a partir da margem. Esses jornais desafiaram a narrativa histórica da elite branca, oferecendo uma visão alternativa do Brasil. Eles representam um esforço para afirmar a validade e a importância de suas próprias vozes e saberes na construção da nação.

Este artigo se desdobra de uma investigação mais ampla realizada por Almeida (2025). A dissertação que origina este trabalho serve como alicerce teórico ao demonstrar que a imprensa não foi um fenômeno isolado, mas sim um dos principais vetores de um movimento negro em gestação, que já no século XIX articulava discursos complexos.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo é a análise documental de abordagem qualitativa. As fontes primárias selecionadas foram os exemplares dos jornais negros do século XIX disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com destaque para: *O Homem de Cor*, *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *A Pátria* e *O Progresso*, conforme listado no apêndice.

Para o tratamento dessas fontes, adotou-se a metodologia de crítica documental proposta por Cellard (2008). Segundo o autor, a análise documental não deve se limitar à extração de informações superficiais, mas deve passar por um processo de vigilância crítica que envolve a contextualização do documento, a identificação dos autores e a compreensão de suas intencionalidades. Seguindo essa perspectiva, a análise buscou identificar três eixos principais: (a) os temas recorrentes; (b) as estratégias retóricas de dissimulação e denúncia; e (c) o público-alvo projetado.

Esse procedimento permitiu ultrapassar a superfície do texto jornalístico, revelando a sofisticação intelectual e o engajamento político dos redatores. Ao invés de considerar o jornal apenas como um repositório de fatos, a metodologia permitiu interpretá-lo como um agente histórico que, ao narrar a realidade, também atuava sobre ela, construindo visões de mundo e projetos de futuro que compunham o universo simbólico desses veículos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos periódicos do século XIX revela uma imprensa engajada e consciente de seu papel social. Desde *O Homem de Cor* (1833), nota-se a crítica contundente à ineficácia da Constituição de 1824 em garantir os direitos dos cidadãos negros. Os jornais não se limitavam a denunciar a violência da escravidão; eles questionavam a própria estrutura social e política do Império, utilizando a ironia e o sarcasmo como ferramentas de contestação, como visto em *O Brasileiro Pardo* e *O Cabrito*. Essa abordagem demonstra uma sofisticação que vai além do simples lamento, engajando-se em uma crítica institucional e expondo a hipocrisia do discurso liberal brasileiro.

Um tema recorrente é a exaltação de figuras históricas negras, como Henrique Dias em *O Homem* (1876) e Luiz Gama em *O Progresso* (1899), como forma de construir uma identidade positiva e combater estereótipos racistas. A ênfase na educação como ferramenta de ascensão social, presente em *O Progresso*, antecipa debates que se tornariam centrais no movimento negro do século XX. Além disso, a crítica às teorias de superioridade racial e às políticas de imigração europeia demonstra uma profunda compreensão das dinâmicas sociais e econômicas que perpetuavam a exclusão, mostrando que a luta era travada em múltiplas frentes.

Os resultados apontam para uma clara politização da identidade. A escolha dos títulos dos jornais — *O Homem de Cor*, *O Brasileiro Pardo* — já era em si uma declaração

política, uma afirmação de existência e uma reivindicação de pertencimento à nação. A discussão não era apenas sobre a liberdade, mas sobre o tipo de cidadania que seria construída após a abolição. Esses periódicos funcionavam como verdadeiras escolas de civismo, incentivando os leitores a participarem ativamente da vida pública.

A discussão sobre a violência do sistema é outro ponto fundamental. Os jornais noticiavam com frequência casos de brutalidade policial, injustiças nos tribunais e a perseguição a práticas culturais e religiosas afro-brasileiras. Ao trazer esses fatos à luz, a imprensa negra não apenas informava, mas também criava um arquivo da violência racial, contestando a narrativa oficial de harmonia e cordialidade. Essa documentação da opressão cotidiana era uma poderosa ferramenta de conscientização e mobilização, fortalecendo os laços de solidariedade.

Por fim, a análise revela uma notável rede de colaboração entre os diferentes jornais e intelectuais negros do período. Artigos eram reproduzidos, debates eram travados entre as publicações e havia uma circulação de ideias que conectava centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre. Essa rede, ainda que informal, foi determinante para a consolidação da imprensa negra como um movimento coeso e para a nacionalização de pautas.

Conforme evidenciado na análise panorâmica da dissertação que fundamenta este artigo (Almeida, 2025), a imprensa oitocentista já delineava as principais estratégias que seriam aprimoradas no século seguinte. A denúncia do racismo cotidiano, a valorização de uma memória coletiva de resistência e a proposição de projetos de futuro são resultados concretos que emergem da leitura atenta desses periódicos. O jornal *A Pátria*, por exemplo, ao criticar a falta de mudanças efetivas para a população de cor após a ascensão dos liberais, demonstra uma maturidade de análise política que desmente qualquer visão de ingenuidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa negra do século XIX foi muito mais do que um simples reflexo das lutas de seu tempo; foi um agente ativo na construção de uma identidade negra e na articulação de um projeto de cidadania. Os jornais analisados demonstram a existência de uma intelectualidade negra engajada, que soube utilizar a escrita como arma na luta contra a opressão. Ao contestar o *status quo*, reivindicar direitos e promover a união da comunidade,

esses periódicos lançaram as sementes dos movimentos sociais que floresceriam no século seguinte.

Este estudo conclui que a invisibilização dessa imprensa na historiografia tradicional representa uma lacuna que precisa ser preenchida. Resgatar a história desses jornais é fundamental para compreendermos a complexidade da luta antirracista no Brasil e para reconhecermos o protagonismo histórico da população negra. A análise de suas páginas oferece uma janela para as aspirações, os dilemas e as estratégias de um povo que, mesmo diante da adversidade extrema, nunca desistiu de lutar por sua dignidade.

A sofisticação do debate travado nesses periódicos desafia a noção de que a crítica ao racismo estrutural é um fenômeno recente. Pelo contrário, os redatores do século XIX já demonstravam uma clara compreensão de como a desigualdade racial estava entrelaçada com as estruturas econômicas, políticas e jurídicas do país. Eles não lutavam apenas contra o preconceito individual, mas contra um sistema de exclusão que a abolição, por si só, não seria capaz de dismantelar.

A valorização da educação como projeto coletivo é talvez um dos legados mais importantes dessa imprensa pioneira. A insistência na necessidade de instrução para a "raça de cor" não era apenas um caminho para a ascensão social individual, mas uma estratégia política para capacitar a comunidade. Era a crença de que o domínio da palavra era determinante para a conquista da verdadeira liberdade, alcançando a emancipação intelectual e política.

Além disso, a imprensa negra oitocentista serviu como um importante arquivo da memória e da cultura afro-brasileira. Em suas páginas, encontramos registros de festas, tradições religiosas e biografias que a grande imprensa ignorava. Ao documentar essas expressões, os jornais ajudaram a fortalecer a autoestima da comunidade, criando um senso de continuidade histórica e orgulho de suas raízes africanas.

A análise desses periódicos também nos permite humanizar as figuras históricas da luta negra. Os debates e as divergências internas reveladas mostram homens e mulheres de carne e osso, com suas paixões e dúvidas. Isso torna sua trajetória ainda mais admirável, pois evidencia que a resistência foi construída no dia a dia, através do diálogo e da persistência, e não por um caminho isento de contradições.

O resgate dessa história é também um ato de reparação historiográfica. Dar centralidade à imprensa negra é devolver o protagonismo a quem de direito, reconhecendo que a população negra foi um sujeito ativo que pensou e debateu seu próprio destino. As

sementes lançadas por esses jornais germinaram nos movimentos do século XX, desde o *Clarim d'Alvorada* e a Frente Negra Brasileira até as organizações contemporâneas.

A coragem desses primeiros jornalistas negros em desafiar um sistema tão brutalmente opressor deve servir de inspiração. Eles nos lembram que a palavra pode ser uma poderosa ferramenta de transformação. Por fim, a pesquisa aponta para a necessidade de mais investigações que explorem a diversidade regional, as conexões transnacionais e a participação feminina nessa produção.

Reiterando a conclusão da pesquisa de Almeida (2025), a imprensa e o associativismo negro foram pilares essenciais na construção de uma identidade coletiva. Este artigo, ao focar na gênese oitocentista, reforça que a trajetória de luta foi pavimentada por décadas de resistência intelectual, sendo fundamental para a história da democracia no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Uziel Ananias Sant'Ana. **Contradições em ébano: mobilização e representatividade negra no pós-abolição**. 2025. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2025. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/ppghis/>. Acesso em: 21 dez. 2025.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições SESC SP, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX**. 2014. 365 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/938507>. Acesso em: 21 dez. 2025.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

## APÊNDICE

PERIÓDICOS CONSULTADOS				
PERIÓDICO	LOCAL	DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO	DATA DOS NÚMEROS CONSULTADOS	LINK
O HOMEM DE COR OU O MULATO	RIO DE JANEIRO	14/09/1833	14/09/1833; 28/09/1833 16/10/1833; 23/10/1833 04/11/1833	<a href="https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/homem-de-cor/701815">https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/homem-de-cor/701815</a> .
BRASILEIRO PARDO	RIO DE JANEIRO	21/10/1833	21/10/1833	<a href="https://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasileiro-pardo/702730">https://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasileiro-pardo/702730</a> .
O CABRITO	RIO DE JANEIRO	07/11/1833	07/11/1833 20/11/1833	<a href="https://bndigital.bn.br/acervo-digital/cabruto/701734">https://bndigital.bn.br/acervo-digital/cabruto/701734</a> .
O LAFUENTE	RIO DE JANEIRO	16/11/1833	16/11/1833	<a href="https://bndigital.bn.br/acervo-digital/lafuente/702374">https://bndigital.bn.br/acervo-digital/lafuente/702374</a> .
O HOMEM: REALIDADE CONSTITUCIONAL OU DISSOLUÇÃO SOCIAL	RECIFE	13/01/1876	09/03/1876 23/03/1876	<a href="https://bndigital.bn.br/acervo-digital/homem/827509">https://bndigital.bn.br/acervo-digital/homem/827509</a> .
A PÁTRIA – ÓRGÃO DOS HOMENS DE COR	SÃO PAULO	?/?/1889	02/08/1889; 24/07/1890 21/04/1901; 04/05/1902 20/07/1902	<a href="https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/A-Patria/713376">https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/A-Patria/713376</a> .
O EXEMPLO	PORTO ALEGRE	11/12/1892	22/01/1893 01/01/1894	<a href="https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=825166&amp;pagfis=1">https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=825166&amp;pagfis=1</a> . <a href="https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843717&amp;pagfis=119">https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843717&amp;pagfis=119</a> .
O PROGRESSO – ÓRGÃO DOS HOMENS DE COR	SÃO PAULO	24/08/1899	24/08/1899	<a href="https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=745553&amp;pagfis=1">https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=745553&amp;pagfis=1</a> .

Alguns periódicos foram publicados apenas com o mês, sem o dia. Nos casos em que não foi possível precisar a data de publicação, foi utilizado “?”, seja para o dia, mês ou ano.